

Resenha da Final do Estadual Absoluto de Xadrez 2005 (Parte II)

Enfim, Bittencourt tetracampeão!

Mas, a exemplo do que sucedera na semana anterior, não foi nada fácil, e muita água passou debaixo da ponte antes da consagração final do primeiro tetracampeão capixaba. Paralelamente à saga do campeão, vejamos o que ocorreu na segunda metade da fase final do CEAX 2005.

Sábado pela manhã, o Sol enfim deu uma trégua e a temperatura baixou, tornando o clima ideal para a prática do xadrez, não obstante a chuva fina que insistia em cair.

Da janela do "busu" lotado, eu antecipava a trajetória difícil que teria pela frente. Havia passado a semana toda imaginando algo que pudesse surpreender o Namyr, meu adversário na quarta rodada, e, não encontrando o almejado lance, decidi fazer o de sempre: jogar como se estivesse no Taça de Ouro.

Minha proposta de jogo ia bem e, embora a partida estivesse estrategicamente perdida desde a abertura, quando meu oponente plantou um vigilante cavalo em **d6** – eu jogava de pretas –, uma derrota acachapante como a que eu havia sofrido uma semana antes, contra o Jorge Wilson, parecia já debelada.

De fato, meu adversário precisou pensar bastante até encontrar um plano vencedor, o que aconteceu já no terceiro quarto de tempo da partida. Lamento apenas não ter visto a rede de mate em que meti meu rei. Do contrário, e sem qualquer vocação masoquista, valeria a pena ter sido torturado um pouco mais, antes de abandonar.

À minha frente, na mesa um, um imparável Jorge Bittencourt destroçava seu rival na disputa pelo tetra, Jorge Wilson. Não vi o que foi jogado, nem sei quantos lances durou a partida. Não deu tempo.

A briga esquentou mesmo foi na "meiuca".

Fabrcício Hupp e Guilherme Abreu, que haviam pontuado abaixo de sua real força no final de semana anterior, avançaram na tabela – Fabrcício com vitória suada contra mais uma pirotécnica Siciliana de Osmar Schmidt, e Guilherme com empate sangrento contra Milton Cobo – reentraram na órbita da disputa pelas melhores colocações. Junto a eles, Francisco Costa – um pouco atrás, pela derrota sofrida contra José Osório – e Edivaldo Sá confirmavam a força do xadrez praticado no Taça de Ouro e prenunciavam para a rodada seguinte mais um capítulo de seu milenar duelo particular.

A esta altura, a revelação do torneio, o colombiano Milton Cobo, começava a despontar nas primeiras posições da tabela, provando que um bom jogo de peças não substitui o talento, mas ajuda bastante – p.q.p., como são bonitas as peças do Cobo!. E assim caminhamos para a rodada da tarde...

Se fosse vivo, o escritor Néelson Rodrigues diria que o clássico entre Francisco Costa e Edivaldo Sá começou dez minutos – o tempo de uma partida de *ping* – antes do nada.

Pois desta vez, além da teima, o confronto valia também pela sobrevivência no torneio. E, como dois pistoleiros, lá estavam eles frente a frente mais uma vez, ao cair da tarde.

Tentando transferir para Edivaldo a pressão psicológica do primeiro lance, Francisco saiu do seu costumeiro **1. e4** e abriu com **1. d4**, o favorito de seu adversário. A partida seguiu calmamente até o décimo sétimo lance, quando o condutor das brancas, tentando, além de vencer, "esculachar" Edivaldo, sacrificou uma qualidade por um ataque na ala do rei.

A partir daí, o confronto ganhou contornos dramáticos, que aumentaram no vigésimo sexto lance, quando Francisco sacrificou outra qualidade, desta vez por um rombo no roque adversário, que se viu obrigado a jogar com o máximo de cuidado na defesa, sob pena da perda imediata da partida.

Conduzindo friamente seus dois cavalos, que, embora engessados no fundo do tabuleiro, formavam uma sólida fortaleza, Edivaldo foi gradualmente assumindo o controle e fazendo valer sua vantagem material. Sem mais esperanças na partida, Francisco reconheceu a derrota e cumprimentou o adversário. No carro, após o jogo, desabafou: "Vou ter de aturá-lo durante um ano...".

Enquanto isto, no primeiro tabuleiro, Mário Cantarino conseguia o que parecia ser uma boa posição contra Jorge Bittencourt. Será que estava para cair o mito?

Ainda não desta vez. Manobrando suas peças como um mestre que já é, sem nunca ter sido, Bittencourt faturou mais uma.

Na mesa nº 2, Namyr jogou à francesa contra Rogério Zanon e após vinte e sete lances de intensa movimentação de peças, chegaram a uma posição de igualdade. O empate foi firmado e, agora, o predestinado Namyr era o último jogador da elite capaz de parar o furacão de grau cinco, Jorge Bittencourt. Poderia ele repetir o feito de 2003, quando infligiu a Bittencourt sua última e mais amarga derrota em terras capixabas? Só a partida diria...

Dando uma passada pelos demais tabuleiros, assisti a uma cena tocante. Os amigos na vida e irmãos na fé enxadrística, Walter Knoblauch e Hudson Bonfim, engalfinhavam-se em seu último suspiro por um *sprint* final no torneio – os novatos que não se impressionem, mas lá dentro do tabuleiro é guerra! E, após sessenta e três lances de um combate sem tréguas, Hudson enfim se rendeu ante a inevitável coroação de um peão adversário.

Ainda deu tempo de ver, na mesa ao lado, o impagável Tarcísio Lahud, jogando contra meu irmão, Leonardo Fernandes, se levantar da mesa com uma cômica impaciência e sair para fumar um cigarro.

Sexta rodada. Se alguém ainda pretendia mostrar ao quê tinha vindo, este era o momento.

Particularmente, eu sofria uma pressão extra. Havia me esquivado, durante todo o torneio, da responsabilidade que as próprias circunstâncias me imputavam em fechar

meu derradeiro bloco FIDE, sob pena da perda do que havia conquistado na Semifinal do Brasileiro, em 2004. Entretanto, agora estes pensamentos me tomavam de assalto.

Para piorar, à minha frente estava o amigo Osmar Schmidt, com seu venenoso Sistema Londres, também jogando suas últimas cartadas. Na noite anterior, porém, eu havia encontrado um lance que poderia lhe criar sérias complicações, ao menos no plano psicológico – ou fora ele, o lance, que me havia encontrado? Um tímido peão em **d6**, que paralisaria o ímpeto do cavalo em avançar para **e5**, casa preferida do "Seu Schmidt" para o dito cujo.

Iniciada a peleja, precisamente no sexto movimento das pretas, empurrei o diabinho para a terceira da dama e esperei.

Os que já me enfrentaram, sabem que não sou de fazer caras e bocas durante a partida. O que não significa, porém, que não leia eventuais fatores externos à mesma.

Após o lance do peão, notei que o relógio do meu oponente corria por volta de quinze minutos antes de o meu ser novamente acionado. Era o sinal de que **6. ... d6** havia cumprido o seu papel. Se foi bom ou ruim, o tempo e a prática dirão. O fato é que, na partida viva, o lance estritamente lógico nem sempre é o que abala mais o adversário ou dá a quem o executa maior confiança. Sei disto porque passei a jogar esta partida muito mais confiante, após o lance em questão. E, ao final, consegui vencê-la e me tornar FIDE – o que significa, na prática, que agora pagarei mais caro para jogar as mesmas partidas.

Ainda eufórico pela vitória, notei uma pequena aglomeração em torno da mesa nº 1. Já jogo torneios há bastante tempo para saber que, quando este fenômeno ocorre, é porque algum grande está prestes a tombar. Seria Namyr novamente o arauto de uma sentença profética contra Bittencourt – não ser campeão em anos ímpares?

Quando eu estava a poucos passos do caldeirão humano, passa por mim o Rogério Zanon e comenta, com um ar maroto: "Acho que o Namyr vai ganhar...". Ao me aproximar mais, pude ver, pelo semblante preocupado de Bittencourt, que o pesadelo de dois anos antes voltara para visitá-lo.

Repetindo a francesa que lhe garantiria o empate contra Zanon, Namyr chegara ao trigésimo quinto lance com igualdade material, porém um rei melhor colocado, ocupando o centro do tabuleiro.

Bittencourt forçava seus peões de **e** e **f** contra o paredão de torre, cavalo e peão armado por seu adversário, e controlava o relógio, vantagem esta que, aos poucos, foi desaparecendo. A cada lance, seu rosto retesava-se, pois, além da técnica apurada, o condutor das pretas jogava com espírito de muralha.

Lembro-me bem que, já iguais em tempo, Bittencourt viveu um dilema semelhante ao daquela fatídica final de 2003. Namyr sugeriu uma seqüência de empate e, por um instante, vi o campeão debater-se diante da seguinte dúvida: ceder o empate, por repetição de lances, ou forçar a vitória e colocar em risco o próprio título, que, com o meio ponto do empate, lhe cairia em mãos?

Com um gesto decidido, ele recusou a linha empatadora e seguiu por outro caminho, numa demonstração inequívoca de como deve jogar um verdadeiro campeão. Trocou as torres e levou seu bispo rumo à massa de peões opostos na ala da dama, num último esforço para capturá-los e, restando-lhe algum peão sobre o tabuleiro, dos três que ainda tinha, coroá-lo e vencer a partida.

Mas já era tarde demais e, como diria o amigo Osmar Schmidt, após "estourar tudo", o bispo que lhe restou não era suficiente para ministrar a extrema unção ao rei adversário. Estava empatada a partida!

Incontrolável, a multidão avançou sobre os dois, como se quisesse participar mais de perto daquele momento. Mas aquele não era um momento reservado ao júbilo coletivo. Notei isto quando, antes de ter a visão encoberta, vi o Namyr, exaurido, porém recompensado, permanecer imóvel alguns segundos diante da bastilha inexpugnável que acabara de erguer.

Também pude contemplar um Jorge Bittencourt levemente abatido, *casi lloroso*. Se houvesse um estado d'alma capaz de descrever o que o campeão sentia por ter ficado a poucos pontos de romper a almejada barreira dos 2.400 de *rating*, certamente, apropriando-me do poeta Drummond, tal estado seria: "No meio do caminho havia uma pedra / Havia uma pedra no meio do caminho / No meio do caminho havia uma pedra".

Aos poucos, a massa humana foi se retirando do recinto. Era hora da pausa para o almoço, pois ainda havia pela frente a sétima e última rodada.

À medida que se esvaziava o local, as coisas iam se assentando em seus devidos lugares. Próximo ao estacionamento, o agora tetracampeão Jorge Bittencourt voltava a sorrir, talvez assenhorando-se da enormidade de seu feito. Tetracampeão! Um colosso do xadrez capixaba!

Ao fundo, escuro e silencioso, o outrora efervescente palco deste embate épico já não acolhia viva alma. Estranhamente, um eco quase imperceptível perturbava aquela paz de sepulcro. Talvez um resíduo dos pensamentos deixados pelos que ora almoçavam, mas não apenas.

Sei disto porque, antes de sair dali, notei alguns vultos conversando animadamente ao redor da mesa em que a partida havia sido jogada. A uma primeira olhada, reconheci claramente, entre eles, Steinitz, Lasker e Capablanca. E quando eu já saía, na vã esperança de minha presença não ter sido notada, Lasker, como que para me certificar do contrário e apressar meu passo, virou-se em minha direção e disse, com uma expressão serena e convicta: "Ainda é o Namyr".

Com as primeiras colocações sendo decididas em empates rápidos, ganhou especial interesse a briga no bloco intermediário. No quinto tabuleiro, Mozart Abelha precisou de exatas setenta e duas ferroadas para derrotar Edivaldo Sá. Enquanto isto, um tabuleiro abaixo, tive ótimas chances contra Guilherme Abreu, mas deixei passar um belo golpe tático tramado por meu adversário, e, não havendo mais como lutar, abandonei a partida.

No décimo tabuleiro, justiça enxadrística!

Adriano Stein, que na rodada anterior havia acordado empate por afogamento aparente com Stênio Luz, no sexagésimo nono lance, quando sua posição era vencedora, conseguiu se salvar de derrota certa contra Tarcísio Lahud, encontrando uma rara – e desta vez real – posição de afogamento.

A propósito, méritos também para o árbitro Pablyto Robert, que, ao final da partida entre Adriano e Stênio – no sexagésimo nono movimento das brancas, reitero –, se perguntava: "Como é que eu vou registrar este final como empatado?".

Quem tiver a curiosidade de consultar as partidas, que se encontram disponíveis na página da FESX, poderá notar que há um septuagésimo lance, *acrescentado pelo árbitro*, e a indicação de empate por tempo. Uma obra-prima da adulteração – uma vez que alterou a partida sem interferir no resultado –, capaz de causar inveja até aos nossos atuais árbitros de futebol.

Concluída a rodada, veio o aguardado momento da premiação. Num misto de cansaço e satisfação, os jogadores se confraternizaram e receberam seus respectivos troféus, cheques e medalhas.

A galera do Taça de Ouro chegou junto, com Francisco Costa ficando em décimo primeiro, eu, Eduardo Fernandes, em décimo segundo e Edivaldo Sá em décimo terceiro lugar. Osmar Schmidt, por sua vez, foi "voaaando" receber sua medalha. Mas ninguém do Taça levou troféu para casa, o que, na semana seguinte, rendeu do dono do quiosque, Isaías Sabadini, o seguinte comentário-sermão: "Assim vou ter que mudar o nome do quiosque para Medalha de Ouro...".

Nas primeiras posições, o tricampeão Rogério Zanon terminou em terceiro lugar, o também tricampeão Jorge Wilson em segundo, e Jorge Bittencourt, merecidamente, sagrou-se o primeiro tetracampeão estadual de xadrez!

Enfim, foi assim que vi acontecer, e, enquanto não começa o circuito de 2006, me despeço do de 2005 com as palavras do genial compositor Chico Buarque:

"Foi bonita a festa, pá! Fiquei contente...".

*